

PT une-se à banda podre

Mau sinal. É como se deve qualificar o estranho episódio que no Congresso envolve o PT e o grupo sarneysta, denunciado por deputado membro da CPI: em troca do boicote à CPI da CUT, petistas ajudaram a impedir que os deputados Miguel Arraes (PSB-PE) e Roseana Sarney (PFL-MA) fossem interrogados pela CPI do Orçamento para responder sobre ligações com a Norberto Odebrecht. Ambos os parlamentares foram apanhados com a vantagem, além de não ter suas contas bancárias investigadas, não obstante seus nomes constassem de documentos daquela empreiteira, apreendidos na casa do diretor Ailton Reis, em Brasília. Arraes teria feito um pedido para receber ajuda mensal do valor de US\$ 30 mil, para sua campanha eleitoral ao governo de Pernambuco. Roseana, entre outras coisas, recebeu presentes da empreiteira — como muitos outros, alegam seus defensores. O deputado Luiz Salomão (PDT-RJ) tentou quebrar o sigilo bancário de Roseana na Subcomissão de Emendas, mas foi derrotado por 8 a 1. O senador petista Eduardo Suplicy (SP) votou contra. Salomão afirma: "Não resta dúvida de que houve acordo para proteger Arraes e Roseana". Mesmo porque não era a primeira vez que a tentativa de ouvi-los era frustrada.

É claro que uma situação como essa, denunciada pelo deputado pedetista, só haverá de contribuir para afrouxar o ímpeto com que

a comissão vinha trabalhando. Não há dúvida de que o conchavo chegou às últimas consequências, mesmo que não passado em cartório. O critério para convocação era um só: seriam convocados todos os que estivessem envolvidos nos documentos da Odebrecht. O vice-presidente da CPI, deputado Odacir Klein, presidindo uma sessão, encerrou-a sem colocar em votação requerimento do deputado Maurício Najar (PFL-SP), empenhado em que Miguel Arraes fosse ouvido. A desculpa em que se escudou o parlamentar gaúcho foi primária. "Arraes aparece ligado a uma mesada de US\$ 30 mil, na condição de candidato da confiança da Odebrecht", lembrou Najar. Eis o expediente de que se valeu Odacir Klein para sair pela tangente: a CPI havia aprovado que ouviria somente os políticos associados a porcentuais nos papéis da Odebrecht. Feliz, portanto, foi o líder socialista pernambucano, que nada tinha a ver com anotações de percentuais, só com as de dinheiro vivo — e do bom!

A conclusão a extrair disso tudo é uma só. A Odebrecht errou, ao anotar porcentuais. Se tivesse lançado, em vez deles, números correspondentes a quantias certas, fossem quais fossem, teria poupado muita gente — como foi o



caso de Miguel Arraes. Azar de quem se tornou suspeito por causa de uma sutileza, sem se prender diretamente ao recebimento de dólares...

De tudo resulta a evidência de uma coligação (ainda que tácita) formada para desservir ao Brasil, que une o PT a José Sarney, este abrigado sob as marquises da banda podre do PMDB. É uma estranha aliança disposta a explorar os efeitos de um valetudo entre a ideologia de extrema esquerda e o negociismo político ou não. E ninguém diga mais por aí que o PT é diferente etc. É igual a qualquer corrente política que pratica o fisiologismo e por intermédio dele quer prevalecer. O sarneysmo dará seu apoio à CUT, cuja CPI se instalará depois de ultimada a revisão constitucional, quando já estiverem amortecidos os ecos do assassinio do líder sindical Oswaldo Cruz Junior. E ninguém duvide de que tal apoio se traduzirá em boa serventia.

O quadro esboçado revela claramente como a prática da vida pública se encontra cada dia mais desmoralizada, condenada a singrar o rumo ditado por interesses subalternos que se opõem a qualquer esforço destinado a impor a observância de padrões éticos que tivessem o condão de resgatar a ação partidária dos ví-

cios em que chafurda, submetida às exigências do sistema político carcomido que vitima o País há muito tempo. A aliança de tantos urubus-reis (PT-Sarney-banda podre do PMDB) é o arreglo do quanto pior, melhor com a arte do comprometimento é o venha-a-nós. A última etapa desse conluio agourento será a adesão explícita do PT ao quercismo ou vice-versa — a remuneração da militância, para que atue a fim de cobrir objetivos prede-

terminados. Claro, materiais, imediatistas e inconfessáveis.

O acordo tácito entre o PT e o sarneysmo pode levar à frustração dos esforços da CPI do Orçamento

É que, como salientava, depois da queda do Estado Novo, Prado Kelly, política sem princípios é como arbusto sem raízes; enquanto

este corre aos caprichos do vento aquela é levada ao sabor das conveniências. Eis o porquê de se liberar Miguel Arraes e Roseana Sarney dos risos de uma inquirição incômoda na CPI do Orçamento. Eles estão integrados em esquema político cujos deméritos poderão contribuir para torpedear a CPI do Orçamento na votação de suas conclusões, no Congresso; e todos os esforços realizados no propósito de restabelecer no País o cumprimento dos preceitos da moral política.